

## UM GRANDE HERÓI DO CERCO DA LAPA POUCO CONHECIDO E REVERENCIADO

**Cel Inf Julião Augusto Serra Martins**

**Publicado em 1995 na Revista A Defesa Nacional nº770**



**Cel Claudio Moreira Bento**

Historiador Militar e Jornalista

Combateram na Divisão Expedicionária, ao comando de Gomes Carneiro, na Lapa, duas brigadas: a 2ª, com cerca de 400 homens da Guarda Nacional e Patriotas, ao comando do Coronel GN Joaquim Lacerda, e a 1ª, com cerca de 400 homens do Exército (Infantaria, Cavalaria e Artilharia da Guarnição de Curitiba) e mais o Corpo de Segurança do Paraná (atual PMPR), ao comando do Coronel do Exército Dulcídio Pereira.

A 1ª Brigada, encarregada do setor Sul de defesa da Lapa, esforço defensivo voltado para o Sudeste, foi comandada pelo bravo Coronel do Exército da Arma de Infantaria Julião Augusto Serra Martins, muito pouco conhecido por sua vida e obra, antes e após a lendária resistência da Lapa, episódio épico que ele ajudou a escrever e imortalizar, como demonstraremos, para que lhe façam justiça histórica.

Serra Martins terminou sua heróica e aventureira carreira militar como general, no exercício de funções hoje correspondentes as de comandante dos comandos militares do Nordeste e da Amazônia. Sua brilhante e longa vida militar foi assim adjetivada por seus comandantes: *“Inteligente, zeloso, dedicado, disciplinado e disciplinador, conhecedor profundo da Arma de Infantaria, corajoso, bravo, calmo, sangue frio, valoroso, ativo, desembaraçado, criterioso e, sobretudo, leal, característica muito acentuada, ao lado de inteligente e dedicado”*.

MARANHENSE HERÓI DA GUERRA DO PARAGUAI Nascido em São Luiz — MA, em 9 de junho de 1841, era filho de Lupércio Serra Martins. Foi batizado em 21 de setembro, na igreja Nossa Senhora dos Batismos, na cidade natal.

Em 16 de fevereiro de 1857, sentou praça no 5º Batalhão de Fuzileiros (5º BFzo) em Belém — PA\* No final do ano (7 de dezembro) entrou, como cadete, na Escola Militar. Reprovado no exame de suficiência, retornou ao 5ª, em Belém, tendo sido destacado, em 1859, em Caxias — MA, cidade cujo nome é homenagem ao Patrono do Exército, por haver pacificado o Maranhão. Serviu em Florianópolis (1860-1864) como sargento, onde, aprovado plenamente no Curso Prático de Infantaria, exerceu a função de Instrutor Ajudante de Tiro de Armas Portáteis. Seguiu para a Guerra contra Aguirre, em 1864, tendo sido louvado por sua ação no combate de Paissandu. Foi promovido a alferes em comissão, em 1ª de julho de 1865, para ajudante-de-ordens da 2ª Divisão, à disposição da 4ª Brigada. Foi aprovado plenamente, pela segunda vez, no exame prático de Infantaria. Tomou parte da invasão do Paraguai na 2ª Divisão. Combateu em Tuiuti em 24 de maio de 1866, sendo elogiado, em ordem-do-dia (OD) do Exército nº 156, nos seguintes termos: “Pelo valor e calma revelados nas funções de ajudante-de-ordens, tendo ido ao depósito de munição buscá-la para os corpos

que não a tinham...”

Combateu, com a 2ª Divisão, em 16 de julho de 1866, sendo louvado pelo Comando-em-chefe (OD 86, de 13 de outubro de 1866) *“Pelo desenvolvimento (desembaraço), coragem e bravura na transmissão das ordens em combate”*.

Foi elogiado, por sua ação no combate de 1º de dezembro de 1866, “Digno de menção pelo sangue frio e desembaraço revelados”.

Deixou a função de ajudante-de-ordens da 4ª Brigada, a pedido, e, em 16 de agosto de 1868, passou a exercer essas funções na 3ª Brigada da 2ª Divisão. Com ela participou da manobra de envolvimento de Piquiciri, pelo Chaco, e combateu na Dezembrada (Itororó, Avaí e Lomas Valentinas). Foi promovido, por ato de bravura, em Avaí, e mereceu elogio de seu comandante de brigada. A seguir, teve licença para visitar o Maranhão no início de 1869, em recompensa pelos seus excelentes e heróicos serviços.

De retorno da licença, foi escolhido, por seu valor, para ser um dos ajudantes-de-ordem do legendário General Osório, atual patrono da Cavalaria. Ao seu lado combateu em Peribeubú merecendo citação por seu desempenho. Foi ajudante-de-ordens do Conde D’Eu e, nessa condição, combateu em 16 de maio de 1869. A seguir, voltou a ser ajudante-de-ordens de Osório por mais três meses, até ser transferido para a Repartição do Quartel General (atual Intendência), como capitão em comissão, aos 27 anos, posto que seria confirmado, mais tarde, como sendo promoção por ato de bravura.

## **ATUAÇÃO ENTRE A GUERRA E A REVOLUÇÃO FEDERALISTA**

Retornou ao Maranhão com o 5º Batalhão de Fuzileiros. Em 1871, foi comandar a 6ª Companhia do 11º Batalhão de Fuzileiros, em Belém, cumulativamente com as funções de tesoureiro, eleito. Ali casou com Lourença Bayma Almeida, em 11 de janeiro de 1871, tendo tido três filhos.

Em 1872, foi aprovado plenamente, pela terceira vez, no Exame Prático de Infantaria. Em 9 de setembro de 1873, no comando de 30 praças, impediu uma desordem que ameaçava tumultuar a eleição que se realizava na Igreja da Sé, em Belém, quando chegou ao ponto de comandar — “Pelotão, preparar fogo, carregar!”

Comandou a guarnição de Macapá por três meses. Em 1875, aos 32 anos e muito doente, retornou ao 5º Batalhão de Fuzileiros em São Luiz, onde recebeu o seguinte diagnóstico: “Congestão crônica do fígado e béri-béri.” Esse mal seria responsável, pelo resto de seus dias, por diversas baixas como doente no quartel. Esteve em missão no Rio e no Rio Grande do Norte, pelas quais foi louvado por sua disciplina.

De 1876 a 1878 serviu no Rio, no 7º Batalhão de Caçadores, aquartelado em dependências do Mosteiro de Santo Antônio, no Largo da Carioca. Serviu como tesoureiro econômico, merecendo louvor “pelo zelo, dedicação e interesse no desempenho das funções”.

Em 1879, pela segunda vez, em Santa Catarina, comandou a 8ª Companhia de Infantaria (independente). Retornou ao 7º, no Rio, mais uma vez tesoureiro.

Aos 40 anos, em 1881, obteve licença de matrícula na Escola Militar. Frequentou a Escola Militar da Praia Vermelha por 3 anos, de 1882 a 1884 concluindo o Curso de Infantaria e Cavalaria. Seus graus no ensino fundamental foram muito baixos, em especial em Ciências Matemáticas. Saiu-se muito bem no ensino fundamental e em Desenho. Era professor famoso da Escola o General Pego Junior, um símbolo dos “científicos” que contrastava com o “tarimbeiro” Serra Martins, e cujas ações estariam em confronto, no Paraná, em 1894.

Em 1886, retornou ao 7º, no Mosteiro de Santo Antônio, como comandante de companhia e fiscal (subcomandante atual). Seu mal físico o ataca com frequência. Foi encarregado do policiamento do

carnaval no Rio, em 1887, sendo elogiado pela eficiência com que se houve, assegurando um clima de ordem e de sadia diversão aos foliões. Em 1888, destacou-se e foi louvado em parada de recepção a D. Pedro II.

Em 23 de janeiro de 1889, foi promovido a major, por antiguidade e estudos. Foi transferido para o 22ª Batalhão de Infantaria, em organização. Não participou da Proclamação da República, por estar seu batalhão em viagem para o Amazonas, para onde fora transferido, para esvaziar o apoio do batalhão ao Marechal Deodoro, fiel que lhe era. Ainda em 1889, foi comandar, interinamente, e fiscalizar o 2º Batalhão de Infantaria, em Recife. Ali foi louvado por “inteligência, critério e lealdade”, e foi condecorado com a Medalha Geral do Paraguai, passador nº 5 (5 anos de guerra).

Tenente-coronel por antiguidade, em 2 de julho de 1889, foi comandar o 15º Batalhão de Infantaria, em Belém. Em 1890, foi comandar o 33º Batalhão de Infantaria, em Aracaju, onde elogio o define: “Ativo, inteligente, disciplinador e conhecedor perfeito da Infantaria”. Em 1891 foi comandar, em Manaus, o 36º Batalhão de Infantaria e as forças da fronteira. Em 1892, como coronel desde 7 de março de 1892, foi comandar o 14º Batalhão de Infantaria, em Recife. Possuía 35 anos de serviço. Foi elogiado por “zelo, inteligência, dedicação e lealdade”. Esteve preso 3 dias, em casa, acusado injustamente de intervir em negócios políticos do Estado. Ele era deputado por Pernambuco até 1897. Foi suspenso do comando. Requereu Conselho de Guerra para justificar-se. No final do ano, o ministro da Guerra que substituíra o Almirante Custódio de Mello o nomeou para comandar, no Paraná, o 17º Batalhão de Infantaria, comando que não chegou a assumir, a não ser fração dele, no cerco da Lapa. O constante ir e vir de Serra Martins, era devido a sua capacidade profissional colocada a serviço do adestramento de unidades de Infantaria o que ele fazia com rara competência e liderança.

### **NA REVOLTA NA ESQUADRA E REVOLUÇÃO FEDERALISTA EM SANTA CATARINA**

Ao invés de ir servir no 17º Batalhão de Infantaria, o Governo enviou o Coronel Martins para comandar o 25º Batalhão de Infantaria, em Florianópolis, onde serviria pela terceira e derradeira vez, acumulando o c do interino do então 5º Distrito Militar (5º RM em Curitiba).

Serra Martins desamparado do apoio do povo e das autoridades de Santa Catarina simpáticas à Revolta da Armada e a Revolta Federalista, honrou seu posto até ser obrigado a capitular em 29 de setembro de 1894, com somente com a lealdade de 11 oficiais, 1 coronel, 1 major, 1 capitão, 5 tenentes e 3 a entre os quais seu filho Alferes Serra Mai o Tenente Muricy, que destaca e registra amplamente sua atuação exemplar na capitulação a qual ele fez questão de registrar, em ata, que era Acordo, com apoio, inclusive, em Conselho de Guerra a que respondeu e foi absolvido cuja cópia entregou a Muricy (MURICY, José Cândido da Silva, general. *A Revolução de 1893 nos Estados de Santa Catarina e Paraná*. Memórias. Rio, Bibliex, 1946 - Leitura valiosa que recomendamos aos profissionais das Armas).

O Coronel Serra Martins junto com seu filho, em que pese as deslealdades de João José Cezar, secretário civil do Capitão-de-Mar-e-Guerra Lorena, foi despachado, em 1º de outubro, a bordo do *Pallas*, e desembarcados num bote, em Sepetiba, o qual naufragou ante chegar a praia, com bagagens, inclusive a de mulheres e filhos de soldados capitulados em Santa Catarina.

Apesar de identificar-se, oficiais e praças do 5º de Artilharia no atual quartel do 1º Batalhão de Engenharia de Combate, em Santa Cruz - RJ, antigo Palácio de Verão da Família Imperial, recusaram-se a reconhecê-lo, o que só foi feito no quartel para onde foi transportado e onde respondeu a Conselho de Guerra pela capitulação de Santa Catarina e foi absolvido, doando mais tarde cópia ao Tenente Muricy.

## SERRA MARTINS NA RESISTÊNCIA DA LAPA

Ainda em outubro, Serra Martins viajou, por terra, para a Lapa, onde se apresentou ao General Argolo, sendo designado comandante do que restara do 17<sup>a</sup> Batalhão de Infantaria, de Curitiba. Participou da expedição ao comando de Argolo de 1<sup>o</sup> a 26 de novembro de 1893, de Curitiba (PR) a Thompson (SC) e retornou até a Lapa. Combateu os federalistas de Piragibe, em Rio Negro, e no Rio da Várzea, sendo louvado, por seu desempenho correto, por Argolo, ao qual acompanhou até Curitiba. Comandou a guarnição do Exército de Curitiba de 16 a 30 de dezembro de 1893. De 1<sup>a</sup> de janeiro a 11 de fevereiro de 1894, por 42 dias, nomeado por Gomes Carneiro, comandou a 1<sup>a</sup> Brigada na resistência épica ao cerco da Lapa, como encarregado do setor sul do perímetro defensivo, o mais crítico. Sua atuação, valorosa e intrépida, é bastante conhecida na vasta bibliografia da epopéia lapeana, da qual foi um dos maiores quinhoeiros das glórias que ali se agregaram à famosa saga militar.

Sobre a ação de Serra Martins, assim registra David Carneiro, em 17 de janeiro, em violento combate que envolveu toda a defesa da Lapa: “A frente sul dirigida pelo Coronel Serra Martins fora também atacada pela Artilharia e por 150 homens de Cavalaria, sendo repelidos. O Coronel Serra Martins foi ferido nesta ação em que teve morto o seu cavalo.”

Mario Tourinho, futuro general que ali combateu, como artilheiro, registrou assim a atuação do Coronel Serra Martins, ao atender a um pedido de socorro do Tenente Lebon Regis, comandante de uma posição de Artilharia, futuro comandante do 4<sup>a</sup> Batalhão de Engenharia de Combate, em Itajubá — MG, e cuja filha casou com um filho do ex-presidente Wenceslau Braz: “O venerando Coronel Serra Martins (52 anos), provento em anos, com aquela bravura tão sua, pistola em punho, ocorreu a frente de um pequeno pelotão, como se fora um jovem alferes. E, a passo de carga, rechassou o inimigo, forçando-o a recolher-se ao interior de uma casa. Seis ou oito homens, de fisionomias estranhas, cabelos compridos até os ombros ficaram estendidos na rua para não mais levantarem...”

Esse dia foi o fatídico 7 de fevereiro. Pouco depois, Gomes Carneiro tombou ferido de morte. Até hoje se desconhece as demarches que expliquem o Coronel Serra Martins não haver assumido o comando da resistência da Lapa, que lhe caberia como militar mais graduado do Exército. O comportamento do Coronel Serra Martins foi heróico na Lapa.

Ele assinou as atas de capitulação como maior autoridade militar presente na Lapa. Era a segunda que o destino lhe reservara e, agora, contendo a cláusula de “proibição de ele tomar armas contra a Revolução e lhe assegurado liberdade e meio de transporte dentro do Paraná, a fim de honrar o destino que lhe conviesse”. A capitulação em Santa Catarina, para ele Acordo, não lhe impôs a condição de não mais pegar em armas contra a Revolução.

Serra Martins, com sua vida e obra até agora desconhecidas, a não ser no Paraná e Santa Catarina, despertou, por suas atitudes firmes, bravas e leais de verdadeiro soldado a admiração de Milton Vernalha em *Maragatos e Pica-Paus* (Curitiba, 1984).

## PERSEGUIÇÃO E FUGA DE SERRA MARTINS DO PARANÁ

A concluir-se de Muricy (*op.cit*) em que pese os termos das atas de capitulação de Tijucas e Lapa, os líderes de suas resistências foram perseguidos depois. O Coronel Joaquim Lacerda fugiu de Paranaguá para Antonina e, dali, para São Paulo. O Coronel Ismael Lago, ferido em Tijucas, foi preso ainda em tratamento. Serra Martins, perseguido, fugiu disfarçado como um caboclo professor de roça, montado num burrinho ruano rengo. Com ele, partiu do Barigui, casa do Tenente Muricy, e atravessou os Sertões do Assungui, Serro Azul, Tamandaré, Arraial Queimado, Ribeira, até o Apiai. No final de jornada, vendeu o burrinho, com o que obteve recursos para apresentar-se, na fronteira de Itararé, ao General Ewerton Quadros, comandante do Corpo de Exército encarregado de libertar o Paraná e novo comandante militar do Estado.

Foi nomeado comandante da Guarnição de Itararé com a missão de, dali, prestar apoio logístico ao Corpo de Exército citado que invadiria o Paraná. Desempenhou essa comissão com todo o zelo e foi por isto merecedor dos melhores elogios do General Ewerton Quadros. Apresentou-se no Rio em

11 de setembro de 1894, para responder Conselho de Justificação relativamente a Lapa e foi julgado como tendo cumprido o seu dever militar. Após algum tempo, como oficial de 2ª classe, reverteu ao quadro efetivo. Ainda em 1895 assumiu o comando do 40ª Batalhão de Infantaria, em Belém, alternando-o até o ano seguinte com o exercício de seu mandato de deputado em Pernambuco. Na Guerra de Canudos, foi-lhe confiado o comando da 5ª Brigada da 2ª Coluna Brigada General Savaget, composta dos 40ª (Belém), 34ª (Natal), 35ª Batalhão de Infantaria (Terezina). Destacou-se no socorro à 1ª coluna, em 28 de junho de 1897, a qual se encontrava em posição difícil e com munição esgotada de boca e de guerra. Ele cumpriu muito bem a missão.

### **ATIVIDADE COMO GENERAL**

Foi promovido a general-de-brigada em 12 de janeiro de 1900, tendo comandado o 1ª Distrito Militar, em Belém (área do atual CMA). Foi inspetor do Asilo de Inválidos da Pátria (1901-1902). Comandou o 2ª Distrito Militar em Recife, atual 7ª Região Militar, mais o Ceará, onde foi louvado “pela correção, zelo e dedicação” (OD Exército 244, 1903). Seu último comando foi o 1ª Distrito Militar, correspondente hoje ao CMA, mais o Piauí. Serra Martins foi reformado em 24 de janeiro de 1906, aos 48 anos de serviços e 65 anos de idade, com a qual faleceu em 14 de janeiro do mesmo ano, seguramente em Belém, onde deve estar sepultado, orientação a confirmar, para um possível traslado para o Panteon dos Heróis da Lapa, local que conquistou para seu sonho eterno e onde é uma grande ausência.

### **CONDECORAÇÕES**

Serra Martins ornou seu peito com as seguintes condecorações: Cavaleiro da Ordem da Rosa (pelos combates de 16 e 18 de abril e de 2 e 24 de maio de 1866); Oficial da Ordem da Rosa (por combates na campanha da Cordilheira); Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro (pelo combate de 17 de fevereiro de 1868); Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz (por mais de 20 anos de bons serviços); Oficial da Ordem de São Bento de Aviz (por mais de 30 anos de bons serviços, recebeu em 1891); Medalha do Mérito Militar (pelo combate de 21 de dezembro de 1868) e, Medalha Geral da Campanha do Paraguai passador nº 5 (Certificado de que fez toda a Guerra).

Ao visitarmos a Lapa não deparamos com nenhum destaque especial à memória deste bravo. Na casa do Coronel Lacerda, deparamos com foto dos defensores antes do cerco, onde ele aparece identificado com o nº 8. No Panteon, sua placa não traz seu nome de guerra Serra Martins. Temos convicção de que não houve determinação de não reverenciá-lo à altura, fato que ocorreu seguramente por desconhecimento de sua vida e obra, que só agora revelamos ao Congresso Cem Anos da Revolução Federalista, promovido pelos três poderes do Paraná e com apoio em sua fé-de-ofício, que resgatamos com muitas dificuldades.

*Coronel Cláudio Moreira Bento  
Sócio Benemérito do IGHMB*